

## CANDOMBLÉ *BANTU*: AS QUATRO RAÍZES BAIANAS E PERSPECTIVAS DE CASAS PIONEIRAS NA BAIXADA FLUMINENSE

Jeusamir Alves da Silva<sup>1</sup>

### RESUMO

A finalidade deste artigo é informar o resultado de pesquisas realizadas quanto ao nascedouro do Candomblé *Bantu*. Para tal, fez-se necessária discutir a primazia das quatro raízes baianas, Tumbensi; Bate-Folha; Tumba Junsara; e Goméia, tidas como pioneiras do Candomblé *Bantu*. No tratamento deste assunto extremamente polêmico, buscou-se utilizar como metodologia, além de pesquisas de campo e utilização das redes sociais, uma roda de conversa entre pesquisadores século XX e XXI e sacerdotes de origem *Bantu* envolvidos com a temática. O resultado foi a apropriação de referenciais teóricos e depoimentos da oralidade, que apontaram para a chegada e permanência dos *Bantu* na mesma época em várias outras regiões do Brasil, com perspectivas de terem construído suas próprias raízes, antes ou na mesma época daquelas fundadas no estado baiano. Fizeram-se presentes: NINA RODRIGUES (1900), RAMOS (1934), MAIA (1961), CARNEIRO (1982), PRANDI (1991), MOTT (1997), SCÍSCÍNIO (1997), LOPES (2003), ADOLFO (2010), BEZERRA (2011), GAMA (2011) ÂNGELO (2013), MENDES, (2014), e outros. Bem como: PAIS e MÃES de SANTO do Candomblé *Bantu*.

**Palavras-chave:** Candomblé *Bantu*. Raízes Baianas. Terreiros. Baixada Fluminense.

### ABSTRACT

The purpose of this article is to inform the results of the research carried out, regarding the birth of Candomblé *Bantu*. For that, it became necessary to discuss the primacy of the four Bahian roots, Tumbensi; Sheet-fed; Junsara Tomb; and Gomeia as pioneers of Candomblé *Bantu*. In the treatment of this highly controversial subject, we sought to use as a methodology, in addition to field research and use of social networks, a conversation wheel between XX Century and XXI researchers and priests of *Bantu* origin involved with the theme. The result was the appropriation of theoretical references and testimonies of orality, which pointed to the arrival and

<sup>1</sup> Especialista pela Universidade Cândido Mendes – UCAM em: História e Cultura Afro-brasileira, Ensino de História, Ciências da Religião, Ensino de Artes, Técnicas e Procedimentos, Ensino da Língua Espanhola, e Gestão Escolar, Administração e Supervisão. Graduado em História pela Universidade Norte do Paraná – UNOPAR. Graduado em Artes pelo Instituto Universitário CLARETIANO. Extensão Universitária em “O Povo Bantu”, pela UERJ. Mestrando em Educação Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas pela FEBF/UERJ.

Presidente e Sacerdote primaz da Confederação Nacional dos Candomblés de Angola e dos Costumes e Tradições Bantu no Brasil-CNCACTBB e dirigente da Casa Raiz do Benguê Ngola Djanga ria Matamba-CRBNDM.

permanence of the *Bantu* at the same time in several other regions of Brazil, with prospects of having built their own roots before or at the same time as those founded in the State of Bahia. There were present: NINA RODRIGUES (1900), RAMOS (1934), MAIA (1961, CARNEIRO (1982), PRANDI (1991), MOTT (1997), SCÍCONIO (1997) LOPES (2003), ADOLFO (2010), BEZERRA (2011), GAMA (2011) ANGEL (2013), MENDES, (2014), and others, as well as: PARENTS and MOTHERS of SANTO of Candomblé *Bantu*.  
**Key words:** Candomblé *Bantu*. Baianas roots. Terreiros. Lowered Fluminense.

## INTRODUÇÃO

A religião de origem *bantu*, no Brasil, ainda se constitui numa página quase inédita em nossa etnografia religiosa. Há quatro grandes casas matrizes, fundadas na Bahia, no início do século XX, que são consideradas casas-raízes do Candomblé de Angola. Daí buscou-se registrar as contribuições de cada um dos palestrantes, no que tange à formação do Candomblé *Bantu* e a afirmação, ou não, destas quatro casas baianas como sendo as primeiras do Candomblé *Bantu* no Brasil. O *Tombenci*, herdado por Maria Neném; o Candomblé do Bate-folha de Salvador, fundado por Bernardino da Paixão; o Tumba Junsara, fundado por *Kambembe* e Ciríaco e por último a Casa da Goméia, fundada por João da Goméia, que nos anos 30 do século 20, estabeleceu-se no Rio de Janeiro. Dessas quatro casas seriam originárias todas as demais casas de Candomblé *Bantu* do Brasil. Entretanto, alguns sacerdotes e segmentos questionam essa situação, alegando serem originários de outras raízes que não as quatro acima elencadas. Necessário, também, é pensar que essas casas matrizes já nasceram sob o signo da diferença, da disputa, e da discordância. Ao pensar-se na primazia das quatro raízes baianas, por tratar-se de um assunto extremamente polêmico, buscou-se respaldo numa roda de conversa entre pesquisadores do século XX e do século XXI interessados pela temática e sacerdotes e sacerdotisas *bantu*, para a discussão do tema em questão.

Segundo Ramos:

E tal foi a influencia dos sudaneses na Bahia, pelo número e pela maior riqueza dos seus elementos míticos, originando uma espécie de religião geral gêge-nagô, muito embora tivessem entrado também, negros bantus, principalmente angolenses, na Bahia. No

entanto, eles existem deturpados e transformados nos *candomblés* e nas *macumbas* de vários pontos do Brasil, quase irreconhecíveis pela obra rápida da symbiose das espécies *mythicas*. E tão irreconhecíveis, que o prof. Nina Rodrigues já escrevia taxativamente em 1900, no seu *Animismo Fetichista*: “ eu procurei em vão, entre afros-bahianos, idéas religiosas pertencentes aos negros bantus. (RODRIGUES, 1900 *apud* RAMOS, 1934, pp. 75-76).

## DESENVOLVIMENTO

A luta pela volta às raízes em plena pós-modernidade tem, no entanto, encontrado sérias dificuldades para desenvolver seu projeto tanto internamente, quanto no nível externo, em relação às fontes escritas e legitimadas pelo saber acadêmico. Por um lado, o individualismo e a pouca receptividade e solidariedade de uns grupos em relação aos outros. Fato que se constitui num entrave às discussões, reflexões, e possíveis mudanças,

Além disso, com a agravante do grupo não contar com a existência de registros etnográficos dos estudiosos das religiões afro-brasileiras, o que não os permite caminhar para além da oralidade através do mais-velhos do culto. Estes, por seu turno, amparados nas leis de segredo e fundamento, pouca informação fornecem aos pesquisadores sequiosos de conhecer e promover mudanças de estrutura ou de forma. As descobertas de um grupo ou são guardadas a sete chaves como segredo, por pertencerem exclusivamente aquele grupo, ou não são divulgadas, como uma espécie de troféu conseguido por eles.

Não há consenso na procura de fundamentos, e, se encontrados, não sabem o que fazer com os achados. Nunca aceitam novas cantigas, novas traduções ou a história de uma divindade (*Nkissi*). Dizem logo tratar-se de “estudação de vício”, ou seja, invenção de alguém, ou que a busca tenha sido mal feita, e, logo, não tem valor para o grupo.

Nesse panorama rico e intrigante recheado de possibilidades de interpretação, vários fenômenos podem ser observados, tanto no campo quanto através dos meios de comunicação. Principalmente no computador, instrumento tecnológico cada vez mais acessível.

É possível agrupar os “pesquisadores” angoleiros em três segmentos bem distintos:

O primeiro tem como meta a busca de uma tradição dentro de suas próprias raízes, julgando desnecessário procurar fora do que lhes legaram os mais velhos. Este segmento, na verdade, não está em busca de uma recuperação de identidade. Não a sente perdida, uma vez que são originários de uma raiz forte e tradicional. Suas pesquisas e buscas se centram no entendimento do que estão fazendo, que é a procura por entender e falar a língua ritual, o Quimbundo<sup>2</sup> e o Quicongo<sup>3</sup>. Têm como objetivo e princípio traduzir as rezas e cantigas, e a história religiosa desse segmento têm princípio, meio e fim. Não é seu objetivo promover mudanças no culto ou na estrutura ritual e litúrgica, mas, sim, recuperar práticas perdidas dentro de sua própria raiz, encontradas em velhos cadernos, em baús e canastras perdidos em algum canto do templo.

O segundo grupo reconhece que houve perdas e rupturas no correr do tempo. Mas mudanças só devem ocorrer também na medida do tempo. Qualquer outra dinâmica poderá colocar tudo a perder; estuda, pesquisa e quer colocar em prática as novas descobertas, mas encontra por parte do povo de santo, barreiras intransponíveis com as mais variadas justificativas. Geralmente são pessoas com certa instrução universitária, de mentalidade e postura mais pragmática, críticos e empreendedores que acreditam no quanto poderiam fazer pelo candomblé banto. Mas são rechaçados e até acusados de quererem transformar o candomblé em alguma outra modalidade religiosa, promovendo mudanças substanciais e contínuas, mudando a forma e o conteúdo de seus terreiros.

O terceiro grupo, cuja característica principal é tirar proveito da situação de discordância entre os dois primeiros, infiltra-se em casas iniciantes, ou naquelas que estejam em fase de sucessão, em decorrência da passagem de seu titular, sejam ou não, da sua “dita raiz”, com o intuito de desestruturá-las. Aproveitam-se desses momentos de fragilidade, e induzem a vítima a acreditar em suas verdades, em

---

<sup>2</sup> Quimbundo ou *Kimbundu* é a língua falada pela nação *Ambundu* ou *Mbundu*, com incidência particular na zona centro-norte, e no eixo *Luanda/Malange* e no *Kuanza Sul*. É de grande relevância por ser a língua da capital e do antigo reino de *Ngola*. Deu muitos vocábulos à língua portuguesa e vice-versa.

<sup>3</sup> Quicongo ou *Kikongo*. Língua falada pelos *Bakongo*, ao norte (*Uíge* e *Zaire*).

detrimento das supostas “mentiras” das outras casas. Jogando-as umas contra as outras. Geralmente o perfil dessas pessoas é o de quem entrou de forma ilícita para o Candomblé.

A história do Candomblé de Angola, denominado, também, como Candomblé *Bantu* está calcada praticamente na oralidade do angoleiro. Muito pouca coisa expressiva encontra-se registrada bibliograficamente. Segundo Adolfo (2010, p.21), “Os poucos existentes são de Edison Carneiro, dignos de credito, é verdade, mas em alguns momentos confusos e pouco esclarecedores”. Em seu livro *Religiões Negras – Negros Bantos*, editado em 1937, ele se refere ao Candomblé *Bantu* como Candomblé de Caboclo explicando que Candomblé de Caboclo é um misto de práticas nagôs, indígenas e católicas. Para ele os *bantu* não tinham mitologia, e nem deuses suficientes para o seu culto, por isso apropriaram-se dos orixás nagôs, das figuras de índios e da mitologia indígena, isso tudo sincretizado com o catolicismo popular. Mais adiante, ele se contradiz ao afirmar que o único candomblé *bantu* de nação congo existente era o Terreiro de Santa Bárbara, de Manuel Bernardino da Paixão. O que dá para se perceber a incerteza do autor naquela ocasião. Até então, ele ainda não tinha conceitos claros sobre aqueles candomblés que não seguiam o padrão *Gêge/Nagô*. Nas páginas seguintes, ele reproduz um interessante depoimento do Babalaô Martiniano do Bonfim. Segundo o depoente, o primeiro Candomblé de Caboclo, leia-se *Bantu*, foi o de Naninha, uma senhora mulata que dirigia o seu Candomblé no Moinho da antiga roça do Gantois, que desapareceu com o seu falecimento. O segundo Candomblé de Caboclo a ser citado por Martiniano foi o de Silvana, que tocava seu terreiro num local chamado Periperi. Baseado nisso, Edson Carneiro (1991, p. 135) chega à seguinte conclusão: “Daí, desses dois ‘terreiros’ de caboclo, nasceram todos os candomblés que estamos estudando”.

Há, então de se concordar com Adolfo, quando este, após de ler as afirmações de Carneiro em *Religiões Negras – Negros Bantos*, conclui que:

Por essas afirmações, podemos concluir das páginas de Edison Carneiro, que os Candomblés de feição banta, existem na Bahia desde o final do século XIX, e que, desde seus primórdios, cultuavam os caboclos, por isso eram chamados de candomblés de caboclo. É possível que a

natureza do candomblé de banto, dada a sua mítica, já nasceu cultuando caboclo... Se o Babalaô se recorda de dois candomblés de caboclo (*sic*) famosos no final do século XIX, é sinal que os bantos já tinham culto organizado desde então, mas que não foram notados por Nina Rodrigues nem Manuel Querino. (ADOLFO, 2010, pp. 22-23).

Maria Neném e Ciriáco são citados posteriormente por Carneiro (1982), mas não como fundadores, porém como zeladores de renome, ao lado de Mariquinha *Lembá* junto com o terreiro do Calabetã. Percebe-se que em alguns momentos Carneiro reconhece a existência dos candomblés *bantu*, em outros, engloba todos os candomblés que não seguem os padrões *Gêge/Nagô* no rol de candomblés de caboclo. Igualmente, não se têm encontrado outras referências à fundação ou início de candomblés bantos na Bahia, a não ser relativos ao funcionamento e fechamento dos famosos Calundus pelo Brasil, durante o período colonial.

Todos esses elementos levam-nos à conclusão de que os candomblés *bantu* foram criados muito antes de Maria Neném, chamada de “A Mãe do Angola”, talvez pelo fato de que em suas mãos tiveram origem duas raízes importantes do candomblé baiano: O Bate Folha e o *Tumba\_Junsara*, criadas respectivamente por Bernardino da Paixão e Manuel Ciriáco.

Os mais antigos do *Tumba Junsara*, bem como os do Bate Folhas, têm como referência dois nomes de origem africana fixados em suas memórias em lugar de destaque. São eles, Manoel de *Nkosi* do Congo e Roberto Barros Reis de Cabinda. As outras figuras, como Maria Neném, Manuel Bernardino da Paixão e Manuel Ciriáco eram brasileiros e não tinham nenhum vínculo direto com a África. Analisando essas informações, não há como discordar de Adolfo (2010), em sua conclusão perspicaz quanto a essa ligação entre esses africanos e brasileiros envolvidos com o candomblé *bantu*:

Para Adolfo:

São, dessa forma, bantos por adoção, diferentemente de outros líderes fundadores de outras nações de candomblé que haviam vindo da África e conhecido lá a religião de seus ancestrais. Esse fato, que pode parecer irrelevante, é, no entanto, merecedor de uma análise mais profunda se quiser-se entender a dinâmica do candomblé banto no Brasil. Enquanto

os outros candomblés foram criados como continuação dos cultos de origem nas nações correspondentes, e como decorrência de associações étnicas que mantinham, muitas vezes, ainda vivos na memória de seus fundadores os cultos africanos, o candomblé banto se estrutura por um ato de vontade de um grupo de descendentes de africanos em cultuar divindades com as quais só tiveram de segunda mão. (ADOLFO, 2010, p. 26).

Também, não se descarta a hipótese de que esses dois africanos, Manuel de *Nkosi* e Roberto Barros Reis, fossem calunduzeiros, e Maria Neném tenha procurado ampliar o Calundu dando-lhe um aspecto amplo.

### Terreiro Tombenci

Maria Nenem. (foto).



Disponível

em: [http://inzonkongombila.no.comunidades.net/imagens/imagem\\_real\\_de\\_maria\\_nenem.jpg](http://inzonkongombila.no.comunidades.net/imagens/imagem_real_de_maria_nenem.jpg). Acesso em 16 MAR.2017.

Maria Genoveva do Bonfim, cuja *dijina* era *Mam'etu Tuenda dia Nzambi*, nasceu em 20 de janeiro de 1885, no Rio Grande do Sul, e foi iniciada, provavelmente no início do século XX, por Roberto Barros Reis, fundador do Terreiro *Tumbenci*. Não se tem data para a morte de seu Zelador, Roberto Barros Reis, todavia, seguindo a tradição banto, Maria Neném herdou o terreiro que se localizava no antigo bairro do

Beiru, na rua Melo de Morais Filho, e morreu no dia primeiro de abril de 1945. O terreiro continua na mesma rua, sendo o bairro, hoje, conhecido como Tancredo Neves. A casa ficou fechada durante anos e os assentamentos de seus *Akisi* foram cuidados por parentes próximos e nenhum filho de santo se dispôs a tocar a casa. Hoje, uma senhora de *Lemba*, que conheci durante um Seminário da ACBANTU – Associação Cultural de Preservação do Patrimônio *Bantu*, em Salvador, no ano de 2008, é quem comanda a casa; seu nome é Gereuna Passos Santos, cuja *digina* é *Mam'etu Kwa Nkisi Lemba Muxí*. Aliás, esta senhora é a Mãe de Santo do *Nganga/Tata Katuwanjesi*, jornalista Walmir Damasceno, de Itapecerica da Serra, em São Paulo, pai de santo de grande expressão da atualidade, na luta pela visibilidade e fortalecimento do Candomblé Banto no Brasil.

Walmir Damasceno (*Tata Katuwanjesi*) em Angola, com o Rei e a Rainha do *Bailundu*<sup>4</sup>.



Disponível em: <<http://www.pordentrodafrica.com/wp-content/uploads/2015/02/baili-2-300x169.png>>. Acesso em: 18 MAR.2017.

<sup>4</sup> *Bailundu* - Região do Planalto Central de Angola.



## Terreiro Bate Folha

Manoel Bernardino da Paixão\_Nkisi\_Candomblé Banto



Disponível em: <<http://files.tatakiretaua.webnode.com.br/200000072-38f6239f08/tata%20ampumandezu.jpg>>. Acesso em: 16 MAR.2017

Terreiro Bate Folha, *Mansu Banduquenqué*, ou Sociedade Beneficente Santa Bárbara do Bate Folha, é um [terreiro de candomblé](#) localizado em [Salvador, Bahia](#). Foi fundado em [1916](#) pelo [Tata Manoel Bernardino da Paixão](#) e é atualmente presidido por [Tata](#) Muguaxi, Cícero Rodrigues Franco Lima. O terreiro possui a maior área urbana remanescente da [Mata Atlântica](#), aproximadamente 15,5 hectares. Foi tombado pelo [IPHAN](#) em 10 de outubro de 2003.

*Origem do Bate Folha da Bahia*

### [Religiões afro-brasileiras](#)



Candomblé de Angola

Terreiro Bate Folha

Mansu Banduquenqué

Disponível em: <http://files.tatakiretaua.webnode.com.br/200000075-d1326d22c7/bate%20folha%201.JPG>. Acesso em 02 fev.2017.



No ano de [1881](#), em [Salvador, Bahia](#), nasceu [Manoel Bernardino da Paixão](#). Quando já contava 38 anos de idade, Bernardino foi iniciado na Nação do Congo pelo *Muxikongo* (designação dos naturais do *Kongo*), por Manoel *Nkosi*, sacerdote iniciado na [África](#), recebendo, então, a [dijína](#) de *Ampumandezu*.

Inzo Bate Folha no início, em 1916.

Disponível em: <http://files.tatakiretaua.webnode.com.br/20000069-ce6f7cf69b/bate%20folha.jpg>. Acesso em 18 MAR.2017.

Primeiros filhos iniciados no Bate Folha-BA, em 1929. São sete azena, os que fazem uso do kelê.



Disponível em: <<http://files.tatakiretaua.webnode.com.br/20000070-9acf99bc9c/primeiros%20filhos.jpg>>. Acesso em: 18 MAR.2017.

Com o falecimento de Manoel *Nkosi*, Bernardino transferiu-se para a casa de sua amiga inseparável Maria Genoveva do Bonfim – Mam’etu Tuhenda Nzambi, mais conhecida como [Maria Neném](#), mãe do Angola na Bahia,.

Maria Nenem era filha de santo de Roberto Barros Reis, escravo angolano, de propriedade da família Barros Reis, que lhe emprestou o nome pelo qual era conhecido.

Com o passar do tempo, Bernardino já muito famoso, fundou o Candomblé Bate- Folha, situado na Mata Escura do Retiro, em Salvador, Bahia. O terreno onde está estabelecido o [Candomblé](#), na Travessa de São Jorge, 65, é cercado de árvores centenárias e considerado o maior terreiro do Brasil, que, na época, foi presenteado a [Bamburusema](#), seu segundo mukixi, já que o primeiro era [Lemba](#). Desta forma, fica claro que, pelas origens de Manoel *Nkosi*, o Bate Folha é [Congo](#) e, mantém o Angola, por parte de Maria Neném.

Foi no dia [4 de dezembro](#) de [1929](#) que Bernardino tirou seu primeiro barco, cujo Rianga (1º Filho da casa) foi [João Correia de Mello](#), que também era de Lemba. Este, conhecido como João Lessenge, fundou o Bate Folha do Rio de Janeiro. Este continua até hoje sob a direção de sua sobrinha carnal e filha de santo Mam'etu [Mabeji](#). Em 2005, o Bate Folha lançou um cd, chamado *Cantigas de Angola*, produzido pela Fundação Universidade de Brasília e pela Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR), com o apoio do [Museu da República](#) e da [Fundação Cultural Palmares](#), do Ministério da Cultura.



Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=pMnyKQAEoPQ>>. Acesso em 19 MAR.2017.

## Terreiro Tumba Junsara



Disponível em:

[https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/2/25/Manoel\\_Ciriaco.jpg/150px-Manoel\\_Ciriaco.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/2/25/Manoel_Ciriaco.jpg/150px-Manoel_Ciriaco.jpg)dijina: [Ludyamungongo](#). Acesso em 7 MAR.2017.

Ambos iniciados em 13 de junho de 1910 por Maria Genoveva do Bonfim, mais conhecida como Maria Neném (*Mam'etu Tuenda UnZambi*, sua dijina), que era *Mam'etu Riá N'Kisi* do Terreiro *Tumbensi*, casa de Angola mais antiga da Bahia. *Kambambe* e *Ludyamungongo* tiveram Sinhá *Badá* como mãe-pequena e Tio Joaquim como pai-pequeno. O *Tumba Junsara* foi transferido para Pitanga, no mesmo município, e depois para o *Beiru*. Após algum tempo, foi novamente transferido, para a Ladeira do Pepino, nº 70, e finalmente para Ladeira da Vila América, nº 2, Travessa nº 30, Avenida Vasco da Gama (que hoje se chama Vila Colombina), nº 30 – Vasco da Gama, Salvador, Bahia. Na época da fundação, os dois irmãos de esteira receberam de Sinhá Maria Neném os cargos de *Tata Kimbanda Kambambe* e *Tata Ludyamungongo*. O *Tumba Junsara*, hoje, está sob o comando da Sra. Iraildes Maria da Cunha (*Mesoeji*), nascida aos 26 de junho de 1953 e iniciada em 15 de novembro de 1953.

## Terreiro da Goméia



Disponível em: [http://jornalggn.com.br/sites/default/files/u24683/joaozinho\\_da\\_gomeia.jpg](http://jornalggn.com.br/sites/default/files/u24683/joaozinho_da_gomeia.jpg). Acesso em: 15 MAR. 2017.

Seu fundador, João Alves Torres Filho (Joãozinho da Gomeia – pronuncia-se “goméia” – ou *Tata Londirá*), nasceu em 27 de março de 1914, em Inhambupe, Bahia. Após a sua feitura de santo com Severiano Manuel de Abreu, aos dezoito anos já tinha seu terreiro, onde mantinha os padrões de Candomblé de Caboclo e Angola. Em seu Candomblé, Joãozinho era conhecido por incorporar o Caboclo da Pedra Preta, entidade indígena. Era praticante do culto Angola, e, jovem ainda, enfrentou a supremacia dos cultos *Gêge* e *Nagô* na antiga capital baiana (Salvador). Por ser um pai de santo jovem e desafiador, provocou nas tradicionais mães de santo baianas ódio e repulsa aos seus trabalhos. Seu primeiro terreiro ficava na Ladeira da Pedra. O segundo ficava na rua que o tornou famoso – a rua da Gomeia, no bairro de São Caetano, na Cidade Baixa, onde tocava Angola e Ketu, fato esse que só fazia aumentar o desprezo das mães e pais de santo por ele. Contudo, quis o destino que ele se tornasse o pai de santo mais famoso em Salvador, que era uma cidade dominada por mulheres. Segundo Edison Carneiro, Joãozinho era, aos 24 anos, um pai de santo que

se destacava no ambiente conservador da época. Pode-se dizer acertadamente que se tratou de um Pai de Santo de Vanguarda.

Estabeleceu-se em definitivo no Rio de Janeiro, em 1946, com apenas 32 anos de idade, quando já era bastante conhecido na Bahia. Sua festa de despedida foi muito comentada na época. Montou no Teatro Jandaia um espetáculo com danças do Candomblé, no qual, também, se apresentou, revelando-se um esmerado bailarino.

Depois de sua morte, em 1971, o terreiro em Salvador, no bairro de São Caetano e o de Duque de Caxias não tiveram sucessores para dirigi-los. Realmente, deixou uma enorme descendência no Rio e em São Paulo e um número um pouco menor na Bahia. A partir daí, filhos de santo entraram em conflito pela Gomeia. Um dos que romperam com a casa foi Sebastião Paulo da Silva, o *Gitadê*, que teria levado os assentamentos do local para São Paulo. Segundo informação de Elias de Inhansã, respeitado pai de santo da nação *Efan*, no Bairro da Luz, em Nova Iguaçu, filho de Santo do conhecido e saudoso Babalorixá Waldomiro de Xangô, Mãe Lessi, que faleceu antes de Mãe Kitala, nunca, abriu casa. Preferiu manter a sua posição de Mãe criadeira da Gomeia, embora atendesse alguns clientes em suas próprias casas; Fatos dos quais, muitos dos seus clientes que tinham ou não terreiros de Umbanda, valeram-se da condição de clientes, para anunciarem-se como descendentes dela, e saíram raspando e confirmando filhos de santo a domicílio.

*Mam'etu Kitala Mungongo* em seu terreiro, dançando para o seu pai de cabeça *Mutakalombo* (*Oxossi*)



Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bmm8dwzmmMg> Acesso em 18 MAR. 2017.

## Tributo a Joãozinho da Gomeia

**CENTENÁRIO JOÃOZINHO DA GOMÉIA**  
(1914-2014)

**19 nov às 19h**

**Lançamento dos livros**  
(Inauguração da *Série Recôncavo da Guanabara*)

- \* **Vestidos de Realeza:** fios e nós centro-africanos no candomblé de Joãozinho da Gomeia, de *Andrea Mendes* (Doutoranda em História-UNICAMP)
- \* **Mulato, homossexual e macumbeiro:** que rei é este? Trajetória de Joãozinho da Gomeia (1914-1971), de *Elizabeth Castelano Gama* (Mestre em História - UFF)

Local: **FEUDUC** - Av. Governador Leonel de Moura Brizola (antiga Presidente Kennedy), 9422, São Bento, Duque de Caxias-RJ

**20 nov às 10h**

**10h - Inauguração do Memorial Joãozinho da Gomeia**, no Jardim do Museu Vivo do São Bento

12h - Almoço: Feijoada (R\$ 20,00)

14h - Apresentações culturais

17h - Encerramento

Local: **Museu Vivo do São Bento** - Rua Benjamin da Rocha Júnior, s/nº, São Bento, Duque de Caxias-RJ

**INFORMAÇÕES**  
(21) 2653-7681  
contato@museuvivodosabento.com.br  
www.MUSEUVIVODOSAOBENTO.com.br



REALIZAÇÃO: MUSEU VIVO DO SÃO BENTO

CRPH

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

APOIO: FEUDUC

Disponível em: [http://www.museuvivodosabento.com.br/wpcontent/uploads/2014/10/convite\\_joaozinho.jpg](http://www.museuvivodosabento.com.br/wpcontent/uploads/2014/10/convite_joaozinho.jpg) Acesso em 28 ABR. 2017.

Em “*Vestidos de realeza, fios e nós africanos no Candomblé de Joãozinho da Gomeia* (2014), a autora Andrea Mendes nos remete a uma das peculiaridades de Pai João, vista por muitos e comentada por poucos.

Diz Mendes:



Os adês<sup>5</sup> de metal utilizados na Goméia eram confeccionados sob encomenda por um artesão baiano que vivia no Rio de Janeiro, e confeccionava também outros objetos de metal utilizados nos assentamentos dos inkices. Um detalhe curioso chama a atenção: diferentemente da maioria dos registros fotográficos dos candomblés do mesmo período (e mesmo em períodos anteriores à publicação da revista *O Cruzeiro*), os adês utilizados pelas filhas de santo não contém o filá, ou chorão, o véu de contas característico das divindades femininas... O próprio Joãozinho da Goméia, quando em transe, vestindo as roupas cerimoniais de Inansã, também usava o adê de metal sem o referido véu de contas, na maioria dos registros. Apenas no acervo fotográfico de Pierre Verger, tomadas na Goméia de São Caetano é que encontramos o registro do filá nas coroas de divindades femininas. (MENDES, 2014, pp. 135-137).

Na foto abaixo Joãozinho da Gomeia em transe, com a Divindade *Inansã (Matamba)*, reverenciada por seus fervorosos filhos e usando o *adê* de metal sem o *filá* (véu de contas).



<https://spiritosanto.files.wordpress.com/2014/08/image20.jpg?w=556&h=411>

Já Elizabeth Castelano Gomes escreve sobre a trajetória de João da Gomeia, (1914 – 1971). A autora apresenta a partir do Capítulo 5 “A morte do rei nagô: memória e esquecimento” página 213 a 217. Uma série de fotos relativas ao cortejo

<sup>5</sup>Adês são coroas de metal, ou papelão forrado de pano e complementados com uma franja conhecida como filá ou chorão. São usadas nas Divindades femininas.

fúnebre; ao desespero dos filhos/as de santo; ao velório; e ao sepultamento. Tudo isso, registrado pelas duas mais importantes revistas da época: “*O cruzeiro*” e “*Manchete*”.

Relata Gama

No momento de morte de pessoas públicas é comum a imprensa fazer uma recapitulação da vida do morto, e com João não foi diferente. Fato curioso foi ter encontrado pouquíssimas referências sobre a questão da sua homossexualidade, o que não contradiz as reportagens dos anos 1940 a 1950 em que esse tema não aparece. O único comentário que cita a sua opção sexual é a descrição que o **Jornal do Brasil** faz: “*homem de fala mansa, gestos lânguidos, quase efeminados*”<sup>6</sup>. Mesmo assim, em outros jornais observava-se que deixava uma senhora viúva na Bahia. (GAMA, 2014, p. 217)

Joãozinho de Gomeia não foi apenas mais um pai de santo. Entre 1950-1960, se tornou o maior babalorixá do Brasil, sendo aclamando como Rei do Candomblé, por diferentes correntes religiosas.

Retornando ao emprego do termo, a meu ver, assaz pejorativo, “Angola Milongada”, imagino eu, lhe tenha sido passado pelos eternos críticos orgânicos angoleiros descendentes do Candomblé de Angola baiano. Vêm-me à mente, algumas passagens que vivenciei, direta ou indiretamente, e que envolvem essas pessoas que costumam tachar o “Outro” como errado e a si como os únicos certos dentro do Candomblé Banto Angola.

---

<sup>6</sup> Jornal do Brasil, 21 de março de 1971.



Disponível em:< [https://scontent-gru2-2.xx.fbcdn.net/v/t1.0-9/17796127\\_1246388682124145\\_6504835428541201761\\_n.jpg?oh=141c2a4889a0a1bad5bf944a5b12fb4d&oe=595091A9](https://scontent-gru2-2.xx.fbcdn.net/v/t1.0-9/17796127_1246388682124145_6504835428541201761_n.jpg?oh=141c2a4889a0a1bad5bf944a5b12fb4d&oe=595091A9)>. Acesso em: 05 Mar.2017.

A foto acima é apenas de caráter ilustrativo, para ter-se um dos exemplos do que pode ser chamada de “roda de candomblé”. É exatamente depois que termina o cerimonial religioso externo, e é servido o *Kudia* (comida). As autoridades no caso, *Taata*, *Mam’etu*, *Kambundu* e *Makota* e convidados ilustres, sentam-se à mesa e, enquanto alimentam-se, aproveitam para comentar os assuntos novos e velhos sobre o candomblé em geral. Foi numa dessas rodas, há alguns anos atrás, que me lembro de ter ouvido falar sobre a história de que o honorável senhor Manuel Ciriáco de Jesus, (*Tata Ludyamungongo*), o fundador do *Tumba Junçara*, iniciado por Maria Genoveva do Bonfim, (*Mameto Tuenda Dia Zambi*), deixou o terreiro de sua mãe de santo, por causa de um desentendimento com a mesma, e tomou obrigação na Nação *Gêge*, tirando, logo depois que abriu sua casa de santo, o seu primeiro barco, metade no *Gêge* e a outra metade em *Angola*, três *yaôs* mais três *muzenzas*, respectivamente. Mais tarde, deparei-me com texto sobre o assunto. Sérgio Adolfo relata o seguinte:

No primeiro barco (recolhimento) de Tatá Nlundi ia Mungongo, foram iniciados seis azenza (plural de muzenza). Em sendo o seu primeiro barco, ele chamou o pessoal do Bogun para ajudar. Os três primeiros azenza do barco foram iniciados segundo os fundamentos do Bogun; Angorense (Mukisi Hongolo), Nanansi (Mukisi Nzumba) e Jijau (Mukis Kavungu), os três outros azenza foram iniciados segundo os fundamentos do Tumba Junçara. ADOLFO, 2010, p. 33).

Considera-se casa *milongada*, aquela que mistura nações que não pertencem ao mesmo tronco linguístico. Conclui-se que o senhor Ciriáco, preservando todo o respeito que lhe é devido, passou a ser o primeiro a *milongar* uma casa de Candomblé, ao misturar nações diferentes, assim como tirar um barco dividido em duas nações.

Registram-se, aqui, alguns outros acontecimentos, no mínimo inusitados, sobre descendentes de algumas das quatro raízes ditas fundadoras do Candomblé *Bantu*. Estes, reconhecidos como os eternos críticos da casa do “outro”, ou melhor, daquele que não pertença a sua raiz de origem. Antes, porém, segue-se o esclarecimento abaixo, a fim de facilitar a compreensão quanto à polêmica de execução das cantigas em português no Candomblé *Bantu*:

Sabe-se que a língua oficial de Angola e do Brasil é o Português, sendo obviamente a mesma de Portugal, o colonizador; sabe-se, também, que tanto o Candomblé quanto o seu antecessor, o Calundu, foram criados aqui no Brasil. A língua, sendo um elemento vivo, sofre alterações com o decorrer do tempo, alterações essas devidas a certos fatores, um deles, o de acompanhar o processo evolutivo da cultura humana, criando palavras que atendam às novas necessidades de expressão e comunicação. Não há Língua que não precise de tradução. Esta é que faz com que os povos de idiomas diferentes comuniquem-se entre si. Não é diferente com o Quimbundo e suas línguas irmãs, faladas em Angola, onde o português é a língua oficial. A cristianização dos negros vindos de Angola e do Congo se deu na África. A língua portuguesa entrou na cultura de Angola e do Congo de longa data. Damião de Góis conta que em 1504 seguiram para o Congo muitos mestres para abrirem escolas onde instruíam meninos na doutrina cristã. Então, fica difícil conceber que negros ladinos, crioulos e/ou afrodescendentes deixassem de lado a língua oficial do país que passou a ser a sua pátria, de fora da criação do Calundu e do seu sucessor o

Candomblé. A meu ver, trata-se de um erro gravíssimo querer excluir o português brasileiro da construção do Calundu e do Candomblé *Bantu*. Como esclarecimento é bom lembrar que muitos desses fundadores e descendentes das ditas tradicionais casas matrizes do Candomblé baiano, que hoje abominam os cânticos em português, foram iniciados ao som dessas cantigas, que, na verdade, sempre foram traduções do Quimbundo e Quicongo num país de formação híbrida, como o Brasil. Então, aconteceu:

Presenciou-se, em 26/06/2007, na casa de Tata Eduardo *Adjuberú*, angoleiro muito respeitado e considerado em Nova Iguaçu, este relacionado à execução de cantigas em português, atualmente abominadas por esses pretensos sábios, críticos (na minha opinião “sabidos”). Tratava-se da *Kizomba ria Kabila*, comemorando a obrigação de 21 anos de sua esposa, *Mam’etu ria Nkici Jô de Kabila* que escolheu a Sra. Iraildes Maria da Cunha (*Mesoeji*), herdeira do Tumba Junçara para dar-lhe obrigação. Nesse grandioso dia, a casa de Tata Eduardo, simbólicamente, se transformou no Tumba Junçara, pois reuniu seus descendentes Rio/Bahia, numa *Kizomba* muito linda. A divindade *Kabila* dançava na sala com muito garbo, transmitindo muita energia, acompanhada por *Mam’etu Mesoeji*. Os *Kambondo* Rio/Bahia se revezavam em cantigas ora em *kimbundu* ora em *Kicongo*, menos em português. Foi então que, antes de cantar para recolher o santo para o *Idemburu*<sup>7</sup>, o *kambondo*, mais velho, se não me falha a memória, irmão carnal da herdeira do *Tumba Junçara* (*Mesoeji*) puxou a seguinte cantiga:

*Caça caça Caçador*

*Gostei de ver caçar*

*Caça caça Caçador*

*Na sua Mata real!*

É fácil imaginar as várias reações expressivas dos eternos críticos descendentes do *Tumba Junçara*, e de outros das demais raízes que marcaram presença nesse histórico encontro (Rio/Bahia), ao ouvirem a sua própria matriz cantar uma velha e tradicional cantiga em português para a festejada entidade caçadora. Esta assimilou muito bem a homenagem, e contemplando a todos com um belo espetáculo de dança,

<sup>7</sup> *Idemburu* – palavra da língua Kimbundu que denomina o local sagrado, onde as pessoas são iniciadas. É conhecido pelo povo do Candomblé de *Ketu* (língua Yoruba), como *Ronkó*.

camuflou-se entre as folhas, trazidas por uma Makota, num grande balaio, que nessa hora foram lançadas sobre a divindade, simbolizando uma armadilha para emboscar a caça... E realmente, caçou! O *nguzu*<sup>8</sup> foi tão forte que pouca gente ficou acordada na sala, a maioria, "virou no santo". Observa-se então, que não há consenso dentro da própria raiz, em o que condenar, quanto ao que é certo e o que é errado.

Um fato bastante recente, que não pode ficar de fora deste trabalho, que a princípio parece não ter nada a ver, por se tratar de algo ligado ao carnaval de 2017. Todavia, logo tomar-se relevante, por tratar-se de um tema-enredo genuinamente *bantu*, sem ser "*milongado*", pelo menos é o que se esperava, exposto pela primeira vez, no maior anfiteatro da Terra, Avenida Marquês de Sapucaí, por uma escola do grupo especial, o GRES União da Ilha do Governador.

Daí, então, viu-se chegar o momento para abordar o assunto com a LIESA – Liga das Escolas de Samba, da cidade do Rio de Janeiro, órgão responsável pelo maior espetáculo da Terra. Este realizado no maior anfiteatro do mundo, a Avenida Marquês de Sapucaí. Por muitos anos, temas afro vêm ali sendo apresentados, todavia a temática é exibida de forma não muito clara. Mesmo quando se trata de um enredo sobre Angola, como já aconteceu há alguns anos atrás, os *Akisi* são chamados de *Orixás*, *Tata ia Mukisi* de *Babalarixá*, *Nkosi* de *Ogum*, *Matamba* de *Inhasâ* ou *Oyá*, *Kambondo* de *Ogan*. O *Mukisi Ndembu*, que é uma divindade exclusivamente do Candomblé *Bantu*, chamado de *Orixá Tempo*, e assim sucessivamente. Propôs-se, então, uma palestra com os carnavalescos das doze escolas do grupo especial, para clarificar com relativismo, ou seja, respeitando todas as interfaces do Candomblé Banto Angola de uma forma a orientar futuros enredos de origem banta, para não persistirem nos erros anteriores.

Coincidência ou não, a União da Ilha vem com o Enredo "*Zara Ndembu*", um fato inédito, pois era a primeira vez que uma Escola de Samba iria apresentar um enredo puramente banto. Veio o carnaval, a escola desfilou, ficando classificada em oitavo lugar entre doze escolas. Descobriu-se, dias antes do desfile, que um angoleiro descendente do Bate-Folha era quem estava orientando a escola, sobre o tema enredo. O mesmo dava, inclusive, aulas de Candomblé *Bantu*, na quadra de ensaios da

---

<sup>8</sup> *Nguzu* – Palavra da Língua *Kimbundu* que significa: força, energia, vibração, irradiação, saúde, paz, prosperidade, felicidade, tudo de bom. É o que se chama nos Candomblés *Gêge/Nagô de AXÉ*.

escola, apontando o que era certo e o que era errado dentro do Candomblé *Bantu*. Este cidadão esqueceu-se do relativismo, levando para a quadra da escola de samba<sup>9</sup> a verdade da sua casa de santo, ignorando as verdades das outras interfaces do Candomblé *Bantu*.



Disponível

em:

<[http://s2.glbimg.com/lAci3CYHP9sdgEa2oSDKoHV1b4=/0x0:1900x1267/1262x0/smart/filters:strip\\_icc\(\)/i.s3.glbimg.com/v1/AUTH\\_59edd422c0c84a879bd37670ae4f538a/internal\\_photos/bs/2017/w/g/dDIppeRHK2BsMFBpSNUQ/uniao-da-ilha-rodrigo-gorosito-g1-goro3261.jpg](http://s2.glbimg.com/lAci3CYHP9sdgEa2oSDKoHV1b4=/0x0:1900x1267/1262x0/smart/filters:strip_icc()/i.s3.glbimg.com/v1/AUTH_59edd422c0c84a879bd37670ae4f538a/internal_photos/bs/2017/w/g/dDIppeRHK2BsMFBpSNUQ/uniao-da-ilha-rodrigo-gorosito-g1-goro3261.jpg)>. Acesso em: 05 MAR. 2017.

Durante o desfile da União da Ilha, o comentarista de uma determinada emissora que fazia a cobertura do espetáculo foi explicando o tema enredo de acordo com sinopse recebida do carnavalesco da escola. Daí então aconteceu o que se temia. Já no final de sua narração, citou o **BAOBÁ**, que é a árvore sagrada *Gêge/Nagô*, em detrimento do **IMBONDEIRO**, que é a árvore sagrada e adorada, milenarmente, pelo povo *bantu*, e que compunha o Abre-alas da Escola. Ainda, referindo-se à fantasia da bateria, disse que a mesma vinha representando os *Ogans*, (Língua *Yoruba*) quando, na verdade, a palavra adequada seria *Kambundu*, ou *Kambono*, ou *Kissikarangombe*. *Xikarangoma*.



<sup>9</sup> *Milongado* – Palavra da língua *Kimbundu* que significa misturado.

Confira os depoimentos de Milton Cunha no link do desfile completo: Disponível em:<<https://www.youtube.com/watch?v=c7B8dkYjFAE&t=2217s>>. Acesso em 05 MAR. 2017.

Na própria letra do samba-enredo, cantado para todo o globo terrestre, substituiu, a meu ver erroneamente, a primeira divindade de qualquer candomblé *bantu*, conhecida como *Mpambunjila*, (*Exu*, *Legbá*, *Lebara*, nas nações *Gêge/Nagô* e *ramificações*), pela palavra *Kiambote*, (*salve*), usada como saudação para qualquer divindade. Mais adiante, usa a palavra *Kiuá*, como se fosse a segunda divindade chamada *Nkoci* (*Ogun* das nações de *Gêge/Nagô*), quando *Kiwá*, também é uma saudação geral.

Eis a estrofe em questão:

[...]AVERMELHOU, **KIAMBOTÉ** NOS FEZ CAMINHAR,  
NA LUTA ENTRE O BEM E O MAL, FORJOU **KIUÁ!** (grifo nosso).

Mais uma vez, foram lançadas para o mundo informações equivocadas sobre o povo *bantu*, que tem santo próprio, língua própria e religião própria. Tudo isso, por conta de uma vaidade pessoal e um pensamento individualista, aceitos por aqueles que não buscaram ouvir outras casas ou a CNCCTBB, ILABANTU, e demais órgãos de cúpula dos angoleiros do Brasil, reconhecidos pelo Governo Federal, ou até mesmo outros órgãos de cúpula estaduais e municipais, já que todos estes, por uma questão de ética, são obrigados a manter uma postura coletiva e relativista em relação a qualquer raiz ou casa de candomblé banto, bem como o devido respeito às outras religiões de matriz africana, ou de qualquer outra matriz.

A meu ver, mais uma vez faltou o consenso nessas pessoas que primam por criticar as casas alheias, mas cometem esses mesmos erros, bem como outros gravíssimos, sem perceberem. Ainda chamam seus *Nguzu* de *Axé*: *Axé Tumba Junçara*, *Axé Bate-Folha*, *Axé Tombensi*, *Axé Gomeia*, quando deveriam chamar de *Nguzu* etc. Além disso, assentam o (*Exu*) da pessoa batizando com o nome de *exu* de Umbanda como: *Tranca Rua*, *Pinga Fogo*, *Pombagira Cigana*, *Sete Facadas*, *Exu Toquinho*, *Exu das Sete Encruzilhadas*, *Maria Padilha* etc. Será que só é errado para o “Outro”, mas para cada um desses críticos não é?



Em relação a perspectivas de casas pioneiras em outras regiões do Brasil, segundo Prandi (1991), os *bantu* foram introduzidos em Pernambuco (estendendo-se a Alagoas), Bahia, Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo e Maranhão (estendendo-se ao litoral paraense). Estes foram focos primitivos, daí se espalharam posteriormente por todo o território brasileiro. Mas, o que se quer assinalar com a pista dada por Freyre, em “*Casa Grande e zenzala*” (2006, pp. 541-542) é a presença do negro *bantu* e a sua religiosidade, confirmadas na região nordeste, especialmente em Pernambuco, no auge da economia da cana de açúcar, no período colonial.

Pesquisas recentes já apontam descobertas de raízes de Calundu e Candomblé banto antes mesmo do século XX, em outras regiões do Brasil. Cita-se o Engenho do Calundu, fundado em 1750, em Belford Roxo, no bairro de Santa Tereza. Em Magé, por volta de 1855, segundo Nielson:

A aproximação que fazemos das práticas realizadas pelo *nganga* da fazenda São José, no Recôncavo da Guanabara, com ritos existentes nas regiões da África Centro-Occidental, se justificam ao analisarmos o grande afluxo de africanos oriundos dessas regiões desembarcados nos portos do Rio de Janeiro, principalmente na primeira metade do século XIX. Mary Karasch apurou que antes de 1811, 96,2% dos escravos provinham dessa região do continente africano, e, mesmo quando esses números caíram, a procedência de centro-africanos nunca teria ficado abaixo de 66%. (BEZERRA, POSSIDONIO, 2016, p. 72).

Esta última pista (Magé), pode ser conferida acessando o vídeo abaixo, no qual o Prof. Nielson Rosa Bezerra, Doutor em História pela UFF fala sobre o assunto :



Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RTDfDhpRww&t=653s>. Acesso em: 05 fev-2017.

## CONCLUSÃO

A ideia não foi a de tirar o mérito dessas quatro casas ditas primeiras, do Candomblé de Angola, aqui tratado como Candomblé *Bantu*. Embora, até mesmo na Bahia, Edson Carneiro em seu livro *Religiões Negras – Negros Bantos*, citou Naninha, Silvana, *Malandiamase* e Gregório *Maquende*, como casas já existentes, antes do surgimento de Manuel de *Nkosi* do Congo. Talvez o termo Candomblé Congo/Angola, ou, Angola/Congo, hoje reconhecido como Candomblé *Bantu*, possa ser proveniente do Bate-Folha, devido à obrigação que Bernardino, até então, feito na Nação Congo, tomou com Maria Neném na Nação de Angola. Entretanto, embora alguns autores e praticantes citem Manuel de *Nkosi* como conguese, nada impede que ele seja *Bakongo*, pois nada se sabe, além disso. Os *Bakongo* habitam as províncias do *Zaire* e *Uíge*, na região norte de Angola, divisa com a República do *Kongo*, falam a língua *Kikongo*, que é a mesma utilizada nos Candomblés que se reconhecem como Nação Kongo Angola.

Com a descoberta de novas pistas, que apontam para a existência de outras raízes e descendências em tempos e espaços iguais ou diferentes, tornam-se necessárias pesquisas mais aprofundadas, por aqueles que venham a interessar-se pela temática.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADOLFO, Paulo Sérgio, *O Candomblé de Angola pós-modernidade*, UEL/NEEA, 2011.
- PINTO, Alberto Oliveira, Disponível em: [http://www.multiculturas.com/angolanos//alberto\\_pinto\\_kimbundu\\_intro.htm](http://www.multiculturas.com/angolanos//alberto_pinto_kimbundu_intro.htm) acesso em: 13 ABR. 2013.
- ÂNGELO, Alfredo, “Mitos e Deuses africanos de Angola”.UERJ/PROEPER/CSS.
- BASTIDE, Roger. *O Candomblé da Bahia, Rito-Nagô, Brasília, Editora Nacional, 1978.*
- BEZERRA, Nielson Rosa, *A cor da baixada*. Inepac Duque de Caxias, APPH-CLIO, 2012.
- CARNEIRO, Edison. *Candomblé da Bahia*, Rio de Janeiro, Editora Tecnoprint, S.A.,
- LOPES, Ney. “*Novo Dicionário Bantu do Brasil*”, 1ª. Ed, RJ 2003.
- MAIA, Da Silva, Antônio, Padre, *Dicionário Complementar Português – Kimbundu – Kikongo*, Luanda – Angola - 1961.
- MOTT, Luiz. “*Cotidiano e vivência religiosa: entre a capela e o calundu*”. In: Laura de Mello e Souza (org). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia de Letras, 1997, vol.1.
- PRANDI, Reginaldo. *Os Candomblés de São Paulo*. São Paulo, EDUSP, 1991.
- RAMOS, Arthur. “*O Negro Brasileiro*”, 1ª. Ed. RJ, Biblioteca de Divulgação, setembro de 1934.
- REDINHA, José. *Etnias e culturas de Angola*. Luanda, Edição do Banco de Angola.
- RECÔNCAVO: Revista de História da UNIABEU, IISSN – 2238 – 2127 p. 72 “*Religiosidades Africanas Em Tempos De Escravidão: Batuques E Candomblés No Recôncavo Do Rio De Janeiro, Século XIX*”. Nielson Bezerra e Eduardo Possidônio.
- RIBAS, Oscar, *Ilundo* - 1958.
- RIBEIRO, José. “*Orixás Africanos*”. 1ª. Ed. RJ, Editora Espiritualista Ltda, 1961.
- RODRIGUES, Nina. “*Os Africanos no Brasil*”, 4ª. Ed. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1976.
- \_\_\_\_\_. *O animismo fetichista dos negros bahianos*, Rio de Janeiro.
- SCISÍNEO, Alaôr, Eduardo. “*Dicionário da Escravidão*”, RJ, Léo Christiano 1ª. Ed. Editorial LTDA, 1997.
- TEMPLES, Plácido, “*La Philosophie Bantum* (1985).

### **Pais e Mães de Santo, (estas fontes se utilizaram de relatos orais, como de costume na tradição africana de transmitir o conhecimento):**

- Bernardino Bate-Folha ( Fundador da Raiz Bate-Folha).BA/RJ.
- João Alves Torres Filho (Joãozinho da Gomeia) Fundador da Raiz Gomeia BA/RJ.
- João de Lessenge. (Bate-Folha) RJ/BA.
- Mãe Risoleta (*Mam’etu Nanga Kovi*) (Raiz Gomeia) RJ.
- Mam’etu Kewalombo (Raiz Ngola Djanga)* RJ
- Mam’etu KitalaMungongo*. (Raiz Gomeia) RJ.
- Mam’etuMabeji* (Raiz Bate-Folha) RJ.
- Mam’etu Matambenga (Raiz Ngola Djanga)* RJ.
- Mam’etu Mulunderi (Raiz Tumba Junçara)* RJ.

Mariquinha *Lembá* (Raiz *Tumbenci*) BA.

Miguel Grosso (*Deuandá*) Raiz Gomeia RJ.

Pai Siriáco (*Tata Ludiamungongo*), Fundador da Raiz Tumba Junçara).BA/RJ.

*Tata Kambono Nelson Uazê* (Raiz *Tumba Junçara*). BA/RJ.

*Tata Kassulupongo* (Raiz *Ngola Djanga*) RN.

*Tata Minatojy* (Raiz Goméia) BA.

Recebido em 03 de junho de 2017.

Aceito em 28 de junho de 2017.